

Campo Grande é oásis de lazer da população carente

DANIELA VIEIRA

Editoria do 2º Caderno

Casais namorando aos montes, crianças correndo à vontade sem se preocupar com carros, aposentados colocando os assuntos em dia e amigos conversando sem dar importância ao passar das horas. Quem achar que essa cena faz parte do passado ou de alguma cidade esquecida no meio do mapa vai se surpreender ao saber que tudo isso acontece num dos locais mais agitados de Salvador, o Campo Grande. Apesar da sujeira e do descaso da prefeitura com a praça, que já foi um dos pontos mais bem tratados e que servia de ponto de encontro à elite da cidade, a sombra oferecida por suas árvores centenárias continua sendo uma boa opção de lazer para os baianos menos abastados nas tardes de domingo.

O casal Domilson Santos, 25, e Terezinha de Jesus, 32, por exemplo, só não vai ao Campo Grande para aproveitar o fim de semana quando sobra um dinheirinho para ir ao cinema. Como Domilson é garçon e Terezinha empregada doméstica, as chances de irem ao cinema têm se tornado cada vez mais remota e o Campo Grande termina sendo a única opção de lazer para os namorados. Apesar da dificuldade em conseguir transporte de Mussurunga, onde mora, para a praça, Domilson sempre dá um jeitinho para encontrar a namorada, e rever os amigos. "Até para se divertir o pobre hoje tem que ser criativo e, mesmo com a praça suja, a gente se diverte", explica o garçon.

Ao longo dos anos, as árvores do Campo Grande acompanharam a mudança de seu público frequentador. Os moradores da Vitória, Garcia

e outros bairros vizinhos só vão hoje para a praça para rápidas caminhadas matinais ou para levar seus cães de estimação para passeios digestivos. Mas o Campo Grande não ficou vazio e os antigos habitués deram lugar a moradores de bairros mais distantes e de menor poder aquisitivo, como Tancredo Neves, Periperi ou Sussuarana, que após anos de achatamento salarial viram suas opções de lazer ficarem restritas à praia e ao uso de espaços públicos com o Campo Grande.

DIVERSIDADE — Não são só os jovens que curtem as tardes de domingo na praça. Aposentados aproveitam a temperatura agradável proporcionada pela enorme quantidade de árvores espalhadas por toda a extensão do Campo Grande para lembrar da época em que os chafarizes ainda jorravam água e que a grama era verde e limpa. Mas as crianças que correm livres pelos corredores da praça parecem não dar a menor importância para a sujeira, talvez por não terem tido a chance como era antes, e fazem longas filas para se divertir no parque infantil, cujos brinquedos — destoadando do resto da praça — se encontram razoavelmente bem conservados.

Para Evani Bispo dos Santos, 28, mãe de duas crianças de seis e dois anos, não existe melhor lugar para levar os filhos do que o Campo Grande. Todos os domingos, religiosamente, Evani deixa sua casa em Tancredo Neves para trazer as crianças à praça. "Apesar de toda a distância, vale a pena. Aqui tem parquinho, é fresco e os meninos adoram", comenta. A filha Amanda, 6, concorda e só reclama do espaço ocupado pelas barracas de bebidas. "Antes eu corria por todos os lugares, mas agora tem um monte de mesinhas atrapalhando a passagem", protesta a menina.



Paulo Neves

O amplo espaço do Campo Grande é propício ao lazer das crianças

Sujeira afasta os moradores vizinhos

Se para os atuais frequentadores o Campo Grande é uma ótima opção de lazer, para os moradores vizinhos a época da praça já era. As barracas e a proliferação dos vendedores ambulantes são as principais provas da decadência do local, na opinião dos ex-frequentadores. Quem luta o espaço da praça hoje prefere reclamar da falta de limpeza e da infra-estrutura. O monumento central do Campo Grande não é limpo há vários meses e a má-educação da população,

aliada à falta de sanitários públicos, transformou a imponente estátua num mictório gigante e só os mais corajosos ou quem não possui olfato conseguem se aproximar.

No final do domingo, o gramado fica coberto de sujeira e a população reclama da falta de latas de lixo espalhadas pela praça. Outra coisa que ninguém entende é o porquê dos sanitários públicos ficarem fechados durante alguns domingos — principalmente os femininos —, justo o dia

em que o Campo Grande recebe maior número de visitantes. "Eu acho que as barracas foram uma boa idéia porque as vezes a gente ficava sem nenhuma opção de beber ou comer por aqui, mas elas só deveriam funcionar com autorização da Prefeitura, deveriam ser obrigadas a não sujar a praça e apresentar um visual mais arrumadinho", opina o garçon Domilson dos Santos, lembrando que a sujeira termina espantando os turistas que vêm visitar a praça.